

Iterações, Variações e Declínios Afectivos do Corpo Sobre a Terra, da Terra Sobre o Corpo: *Efforts of Nature IV*, de Morgan Quaintance

Cátia Rodrigues

IFILNOVA/NOVA FCSH, Portugal
ferreirarodriguescatia@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8229-0771>

RESUMO A exposição *Efforts of Nature IV* do artista visual Morgan Quaintance, apresentada na Solar – Galeria de Arte Cinemática, aquando da 32ª edição do Curtas Vila do Conde, é a quarta de uma série de seis exposições (Setembro 2023 – Novembro 2024) em torno do filme *Efforts of Nature* (2023).

PALAVRAS-CHAVE Afecção; movimento; declínio; corpo; Terra.

*I don't know why the intrepid
sun touched the bayonet,
but I know that something
stood among those lost trees
& moved only when I moved.*

Thanks, de Yusef Komunyakaa

O último verso do poema *Thanks*, de Yusef Komunyakaa, a única voz audível de *Efforts of Nature*, alumia a condição latente do filme – o movimento, não somente como aspecto vital do (seu) cinema, na acepção deleuziana de *imagem-movimento*, mas antes, e sobretudo, como afecção em movimento. Ao contrário de unilateral, do mundo no humano ou do humano no mundo, a afecção em movimento é

Aniki vol. 13, n. 1 (2025): 256-262 | ISSN 2183-1750 | doi: 10.14591/aniki.v13n1.1205

Publicado pela AIM com o apoio do IHC, NOVA-FCSH. Financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 e LA/P/0132/2020. © Autor(es).

experienciada em simultâneo entre humano e mundo. *Mover-se apenas quando eu me movo* não significa tanto uma relação hierarquizada de dependência quanto uma relação de reciprocidade. Atendendo ao duplo significado do termo afecção – comoção e enfermidade – *Efforts of Nature* é a sua sobreimpressão, vertida em tensão, na imagem em movimento. Apresentada na Solar – Galeria de Arte Cinemática, na ocasião da 32ª edição do Curtas Vila do Conde, em Julho de 2024, a exposição desenvolve-se a partir do filme homônimo do artista.

Em 2023, o artista visual e escritor Morgan Quaintance sofreu de dores crónicas, que limitaram as suas capacidades motoras, afectando até movimentos físicos básicos e inconscientes, que se “tornaram (...) numa tarefa árdua de resistência e concentração” (Quaintance 2024, 5). A afecção sobre um corpo seriamente desprovido da naturalidade desses movimentos paralisa, adoece e tudo se move sem que ele se mova, sem que se mova com ele, por ele. Porém, o desacordo entre corpo e mundo, entre movimento e afecção, como se de uma disjunção solipsística se tratasse, não passa de uma aparência toldada pela enfermidade cega e extenuante. Num estado de atonia, as *escalas de consciência*, expressão de Quaintance (2024, 5), invertem-se para conter no mais pequeno e breve movimento questões que se elevam à sua execução hercúlea:

Por exemplo, como é que alguém se move continuamente entre o pessoal e o universal, mantendo uma preocupação com estes dois polos, sem experimentar uma sensação debilitante de exaustão mental? Como é que se passa da preocupação com a própria saúde para a preocupação com a saúde do planeta? Ou do pensamento na própria sobrevivência para o pensamento na sobrevivência das pessoas colonizadas na Papua Ocidental (um país ocupado pela Indonésia desde meados do século XX), ou no possível genocídio do povo Uigur, em Xinjiang, na China?

Num primeiro contra-movimento elaborado pelo percurso da exposição, partimos da cave da Solar – Galeria de Arte Cinemática incrustada pelas imagens de Yemrehana Krestos, igreja situada numa caverna montanhosa na Etiópia, que dá nome ao filme *Yemrehana Krestos* (2004). Nela habitam cadáveres em decomposição e esqueletos de milhares de peregrinos, cuja morte permanece inexplicável além das lendas que murmuram da profundidade da caverna. Sempiternos, são “algo para lá do corpo e da vida quotidiana”, segundo Quaintance. E Yemrehana Krestos é o espaço limiar onde a sua morte se repete na vida dos peregrinos porvir, onde o corpo presente de quem já morreu é o corpo

futuro de quem ainda vive. Para o cineasta, as imagens em movimento são o interlúdio de coabitação entre morte e vida, que encurta a distância entre dois corpos ao grau zero de suspensão do tempo na igreja Yemrehana Krestos, entre o filme e o espectador na cave da Solar.

Aí, Dennis Wheeler descende à sempiternidade.

Revolve (1977), de Nancy Holt, a única obra da exposição complementar aos filmes de Quaintance, é também a única linearidade discursiva apresentada, desempenhando a função taxativa de *mediação verbal*¹ entre o espectador e o filme *Efforts of Nature* no espaço da galeria. Com recurso a três câmaras de vídeo, Holt, que se posiciona sempre fora de campo, indaga Dennis Wheeler, realizador canadiano e seu amigo próximo, sobre os tratamentos de leucemia, o declínio do corpo, a iminência da morte. Em remissão, o discurso de Wheeler é predominante no vídeo e os dispositivos de imagem são apenas meios de um distanciamento programático imposto pela artista americana. A ênfase na narrativa é trabalhada ao longo da obra pela repetição de segmentos do discurso, percepcionada como continuidade, e a variação do enquadramento revolvendo a figura de Wheeler, simulação através da montagem do estado de transição entre morte e vida incorporado pelo realizador. Um estado que exige, à força da doença, uma re-tomada da atenção sobre o corpo, a partir do qual o olhar e o pensamento se voltam para o mundo (“o mundo onde vivo”, diz Wheeler), circulando de volta para o corpo num fluxo contínuo até à suspensão final. Porque o mundo, também ele, sofre de leucemia, e a rota de destruição de Wheeler (a nossa, em última instância) é uma e a mesma. O anúncio da morte do realizador no final do vídeo confirma, finalmente, o paroxismo constitutivo de *Revolve* e o estatuto de exórdio do filme de Quaintance.

A dor crónica que entorpecia o corpo do artista britânico infligia um entorpecimento semelhante na sua práxis cinematográfica, expondo a coincidência entre os processos físicos e os processos artísticos num corpo criativo indivisível. O estúdio veio substituir a rua e a montagem tornou-se o único meio de *filmar* que lhe era possível num tempo que veio a designar de alquímico. Durante o “caminho de recuperação”, deixa-se impressionar com imagens de satélite de monitorização das alterações geológicas resultantes dos impactos ambientais no ecossistema do planeta Terra, pela “semelhança entre estes esforços para

¹ Expressão de Richard Lorber.

documentar, diagnosticar e compreender as alterações do planeta e os meus esforços para documentar, analisar, diagnosticar e tratar os problemas do meu próprio corpo” (Quaintance 2024, 5). Em especial, pelas semelhanças entre as imagens do corpo produzidas por exames imagiológicos, como por exemplo as tomografias que realizou, e as imagens da Terra produzidas por satélites, ambas utilizadas como meios de diagnóstico das afecções sobre um e o outro e de um sobre o outro.



Imagem 1 - *Loop One* e *Loop Two* (Quaintance, 2024) | “Efforts of Nature IV”, de Morgan Quaintance, na Solar – Galeria de Arte Cinemática © João Brites

As duplas de filmes *Satellite* (2024) /*Decay Loop* (2024) e *Loop One* (2024) e *Loop Two* (2024), exibidas respectivamente nas salas B e C da Solar, são criados justamente a partir das imagens de satélites de baixa resolução encontradas na internet. *Loop One* (2024) e *Loop Two* (2024) dispõem-se num frente a frente desalinhado como contíguos, e não opostos, forçando o espectador a circular do primeiro para o segundo e vice-versa, inscrevendo os seus movimentos num fluxo horizontal de feixes de luzes e poeiras indiscerníveis. Por sua vez, *Satellite* verticaliza a direcção desse fluxo, criando lugares de intersecção, em sentido translatório, entre a posição vertical a que o contexto expositivo obriga o corpo do espectador e o escoar das sensações (no trabalho de Quaintance sinónimos de emoções) no tempo – nem vertical, na forma de eternidade inexpugnável, nem horizontal, o tempo de Chronos, diviso

e transitório –, antes, abstracção simultânea e contraditoriamente perene e perecível. Enfim, brevidade entre a vida e a morte, na medida de todas as suas contradições (im)possíveis. Em *Decay Loop*, as imagens de satélite, finalmente inteligíveis na sua função, são aceleradas pelo artista com um duplo sentido proveniente da iminência da extinção: apressar-se na sua direcção, numa palavra acossá-la, e, em sentido inverso (friso não oposto, mas inverso), correr contra ela, numa palavra evadi-la.

A obra *Untitled Installation* (2024), situada no átrio de entrada da galeria, é a proposta inaugural de Quaintance de uma plataforma de referências e conceitos que servem de instrumentos de relacionalidade entre o espectador e as obras fílmicas que se seguem. Coladas com fita-cola preta a um vidro estão remanescências de película de 16mm na qual o artista interveio com materiais de desenho, expondo, desde logo, as limitações a que estava sujeito física e artisticamente. São essas remanescências materiais que vemos transferidas para vídeo nos filmes *Untitled Sequence One* (2024) e *Untitled Sequence Two* (2024), transferência entre objecto e imagem, materialidade e abstracção operada pela montagem. As imagens não representam nada, nem tão pouco a intervenção de Quaintance, mas tão somente são elas próprias movimento, ao invés de abordarem o movimento como objecto – são *imagens-movimento*, na definição de Deleuze.² Há, assim, um apagamento da fracturação entre mundo, onde se encontraria o movimento, e corpo, produtor e processador de imagens.

² “[a] *imagem-movimento* não é analógica no sentido de semelhança: não se assemelha a um objecto que representaria. [...] A *imagem-movimento* é o objecto; a própria coisa capturada em movimento como função contínua. A *imagem-movimento* é a modulação do próprio objecto.” (2015, pp. 47 e 48).



Imagem 2 - *Efforts of Nature* (Quaintance, 2023) | “Efforts of Nature IV”, de Morgan Quaintance, na Solar – Galeria de Arte Cinemática © João Brites

Tanto assim é que o filme *Efforts of Nature* se posiciona no centro, em sentido figurado e não espacial, da re-fusão entre um e o outro, enquanto “obra que explora e compara a dissolução de um corpo com a dissolução do planeta”. Isto é, enquanto formalização em imagens em movimento da sua própria condição (do filme e do autor) – a afecção em movimento. A exposição *Efforts of Nature IV* atomiza, sem deixar de expandir o filme, em variações sonoras, imagéticas, materiais e espaciais os processos estético-formais do filme, relevando-os na sua singularidade, sem, contudo, os desmembrar do corpo fílmico titular. As imagens de baixa resolução, a película 16mm e as imagens de satélite, isoladas enquanto potencialidades do movimento, quando combinadas no filme através dos dispositivos de repetição, circularidade, inversão e manipulação das imagens, inscrevem-se na dimensão do tempo, modelando cinematograficamente a sua passagem, isto é, o fluxo temporal experienciado pelo espectador. É pelo tempo que o filme adquire a espessura afectiva necessária à provocação do afecto no espectador, num gesto de romantismo (discreto e persistente) que perpassa a obra de Quaintance.

O último movimento recomeça no primeiro e o poema continua noutro poema.

*My black face fades,
 hiding inside the black granite.
 I said I wouldn't
 dammit: No tears.
 I'm stone. I'm flesh.
 My clouded reflection eyes me
 like a bird of prey, the profile of night
 slanted against morning. I turn
 this way – the stone lets me go.
 Facing it, de Yusef Komunyakaa*

Referências

- Deleuze, Gilles. 2015. *A Imagem-movimento. Cinema 1*, trad. Sousa Dias. Lisboa: Documenta.
- Lorber, Richard. 1977. “Nancy Holt, Whitney Museum of American Art”. *Artforum*. <https://www.artforum.com/events/nancy-holt-4-231145/>
- Quaintance, Morgan. 2024. *Efforts of Nature IV*. Catálogo da exposição de Morgan Quaintance na Solar Galeria de Arte Cinemática, organizado por Solar Galeria de Arte Cinemática / Curtas Vila do Conde IFF. Vila do Conde: Solar Galeria de Arte Cinemática.

Iterations, Variations and Affective Declines of the Body on the Earth, of the Earth on the Body: *Efforts of Nature IV*, by Morgan Quaintance

ABSTRACT The exhibition *Efforts of Nature IV* by visual artist, writer, and art critic Morgan Quaintance, presented at Solar – Galeria de Arte Cinemática as part of the latest edition of the Curtas Vila do Conde Film Festival, is the fourth in a series of six exhibitions (September 2023 – November 2024) centered around the film *Efforts of Nature* (2023).

KEYWORDS Affection; movement; decline; body; Earth.